

A 35/3 MAIO 1982
Liahona





A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO
DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITE DE
SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzo Busche

EXECUTIVO DO
«INTERNATIONAL
MAGAZINE»:
M. Russel Ballard,
Editor;
Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Sessão Infantil;
Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DE
A LIAHONA:
Gelkan Pizzirani,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da Costa
Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

MAIO DE 1982
PBMA045APO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:

O PODER DO EXEMPLO, Presidente N. Eldon Tanner
VENCER A AMARGURA, Jeffrey Butler
IRMÃOS, AMEM SUAS ESPOSAS, Élder James E. Faust
PAIS FELIZES, CRIANÇAS FELIZES, Ed e Ann Lauritsen
O TRIUNFO DE MARTA, Paul W. Robinson
ALCOOLISMO, Esperança de Compreensão e Recuperação.
James R. Goodrich
BOA INTENÇÃO NÃO BASTA, Élder Rex C. Reeve
DOCE HARMONIA, Kathleen Lubeck

SEÇÃO INFANTIL

A CARRETA DE ABELHAS, Eileen C. Black
UMA VISITA AO ZOOLOGICO
HEBER J. GRANT, 1865-1945, Howard Boughner

Notícias Locais

- I Visita do Élder Hugh W. Pinnock e Esposa
- II Associação dos Ex-missionários de Portugal
- III A Terceira Estaca em Recife
- IV O reino do Senhor cresce
- VI A Esgrima
- VII Não há hora nem lugar
- VIII Um acampamento inesquecível
- IX O Dia das Mães
- X O livro de ouro
- X Um dos testemunhos mais importantes de minha vida
- XI Mamãe, muito obrigado por tudo
- XII A jóia de incalculável valor

NOTA DA CAPA: Capa ilustrada por Jerry Thompson

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 200,00 para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 20,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

O PODER DO EXEMPLO



Presidente N. Eldon Tanner

Venho notando recentemente, assim como muitas vezes no passado, que, sempre que um santo dos últimos dias é mencionado na imprensa — seja por indicação para um alto posto governamental ou por violação da lei — consta também o fato de ele ser mórmon, distinção raramente merecida por outras denominações religiosas. Considero isto um cumprimento, pois evidencia que o mundo está ficando mais e mais ciente do que defendemos e espera mais de nós.

O exemplo que damos ao mundo determinará, em grande parte, se fazemos amigos ou inimigos. É de suma importância que cada um de nós viva segundo os padrões da Igreja, apegando-se aos preceitos do evangelho e guardando os mandamentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que tão bem fo-

ram definidos para nós.

É sempre impressionante ler histórias comovedoras do que é possível conseguir-se pelo poder do bom exemplo. Recentemente li um caso que gostaria de citar. Conta um não-membro que há cerca de dez anos, era assistente do gerente de uma loja que costumava contratar estudantes de 16 a 18 anos para trabalhar no turno da noite. Diz ele:

“Não me lembro de quando contratei a primeira garota mórmon, de uns 16 ou 17 anos, nem sequer de como se chamava. Porém, jamais me esquecerei de seu exemplo. Ela era extraordinariamente honesta, de confiança e bem apessoada, embora estes termos não consigam descrevê-la como eu gostaria. Comparada às outras jovens, ela era realmente notável.”

Pouco depois ele contratou uma de suas amigas, e verificou que tam-

bém era uma funcionária exemplar. Ambas mostravam-se sempre amigáveis e prestativas para com a clientela e seus colegas.

“Logo estava procurando empregar todos os seus colegas mórmons que eu conseguia encontrar. Individual e coletivamente, eram os melhores funcionários que já tive”, diz ele. “Jamais qualquer uma delas me desapontou ou se mostrou indigna de minha confiança. Eram as melhores funcionárias e colegas

O exemplo que damos ao mundo determinará se fazemos amigos ou inimigos.

de trabalho que se poderia desejar.”

Certa noite, ele teve vontade de comer uma “pizza” e, como não podia deixar a loja, uma das garotas mórmons foi buscá-la para ele. Quando voltou, ele soube que tivera um pequeno acidente de carro. Como a jovem saíra a mando dele, ofereceu-se para pagar os danos, mas ela se recusou, dizendo-lhe que isto era sua responsabilidade.

Comenta ele: “Não acredito que muitos jovens dessa idade tivessem o mesmo caráter e jamais o esqueci.”

Esse senhor conheceu recentemente alguns missionários mórmons por intermédio de seu filho, recebeu algumas palestras e esteve em algumas reuniões. “Verifiquei que as coisas que eu admirara nas moças mórmons havia dez anos atrás também se encontram entre os adultos que eu conheci. Gosto da ênfase que emprestam à família, e a mim me parecem o povo mais feliz que já conheci.”

Como seria maravilhoso, se todos nós causássemos a mesma impressão a todas as pessoas com quem entramos em contato! Outra recente história de conversão trazia este título: “O Exemplo É um Vital Fator de Conversão.” Ouvimos muitos casos de conversão pelo exemplo de alguns de nossos membros, mas penso no impacto se todos nós vivêssemos de uma forma que pudéssemos influenciar os outros pelo nosso exemplo.

Temos a felicidade de ter o evangelho de Jesus Cristo e de saber o que ele pode significar para nós, na preparação para vivermos eternamente na presença de Deus. O mundo desconhece o significado da vida eterna; nós temos a oportunidade e o encargo, portanto, de ensinar esse glorioso princípio a todas as nações.

A criança que vive num lar em que os pais têm conhecimento e testemunho do evangelho e o vivenciam é grandemente abençoada.

Esses pais reconhecem sua responsabilidade de ensinar aos filhos as coisas que lhes darão infinita alegria, sucesso e felicidade, ajudando-os, assim, a preparar-se para a imortalidade e vida eterna. Diz o Senhor:

“E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.”

“E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor.” (D&C 68: 25, 28.)

Não existe maior responsabilidade, privilégio ou bênção do que ser pais dignos. Desde muito jovem, tenho sido sumamente grato ao Pai Celestial por ter “nascido de boa família”, de pais que me ensinaram que sou um filho espiritual de Deus, assim como era filho mortal deles, e que ambos esperavam que eu vivesse de acordo com esse privilégio. Eles deram o exemplo, procurando sempre viver de acordo com os ensinamentos do evangelho — eram honestos, honrados e justos em todos os sentidos, e esperavam de mim o mesmo. Eu sabia que eles tinham testemunho do evangelho e que estavam desejosos e decididos a viver e guardar os mandamentos de Deus.

Jamais esperavam que eu fizesse alguma coisa que eles não estivessem dispostos a fazer. Esperavam que eu agisse certo sempre, andasse em retidão perante o Senhor, e vivesse de modo que pudesse merecer a confiança de meus amigos e conhecidos; que me conservasse moralmente limpo, santificasse o dia do Senhor, guardasse estritamente a Palavra de Sabedoria, pagasse meu dízimo e ofertas e orasse regularmente, sabendo que meu Pai Celeste está pronto para ouvir e atender minhas preces, me fortalecer e guiar quando preciso. Eu sabia que podia confiar em que sempre fariam a coisa certa, seriam justos em suas relações comigo e seus semelhantes. Quão afortunada é a criança que pode levar aos pais qualquer problema seu.

Meu pai, que era igualmente meu bispo e meu melhor amigo durante os anos de Sacerdócio Aarônico, foi quem me ensinou a honrar o sacerdócio. Enfatizava a importância do sacerdócio e da autoridade para agir em nome de Jesus Cristo, o único exemplo perfeito que temos para seguir. Se conseguirmos aprender a sentir o seu grande amor e sempre nos lembrarmos de que ele morreu por nós, para redimir nossos pecados, desejaremos viver sempre como ele nos ensinou.

Podemos exercer a influência do bom exemplo sobre nossos semelhantes, seja no trabalho, no lazer, na escola e cuidando de nossas necessidades espirituais. Jamais deve-

mos envergonhar-nos do evangelho de Cristo ou de pertencermos a sua igreja. Temos de ser destemidos na defesa da verdade e capazes de resistir às perseguições que às vezes sofremos. Nisto também podemos ser um exemplo. Recordemos as palavras do Salvador:

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;

“Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.

“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mateus 5:10-12.)

Hoje enfrentamos novas ameaças, novos desafios, novos meios de comunicação e maiores oportunidades do que nunca de sermos como a luz sobre o monte. Recordemos mais uma vez a admoestação do Salvador no Sermão da Montanha:

“Vós sois a luz do mundo: não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte. Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos os que estão na casa.

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:14-16.)

Um menino, andando no pesado neveiro londrino, carregava uma lanterna acesa.

— Leve-me de volta ao hotel, —

ouviu uma voz saindo do neveiro, — e pagar-lhe-ei um “shilling”.

— Pois não, senhor.

E o menino, erguendo a sua lanterna, pôs-se a caminho, e logo chegaram ao hotel. Quando parou, não só um, mas quatro homens lhe estenderam um “shilling”. Os outros três, vendo a luz, seguiram-na sem vacilar. O mesmo se dá com qualquer um que indica o caminho da luz e verdade.

Com o nosso exemplo, somos capazes de iluminar um mundo de trevas.

Idéias para os Mestres Familiares

1. Conte uma experiência pessoal sobre o poder do exemplo. Peça aos familiares que compartilhem eventuais experiências semelhantes.

2. O artigo traz passagens das escrituras ou citações que a família possa ler em voz alta, ou existe alguma outra escritura que deseja ler com ela?

3. Debata as oportunidades dos familiares de servirem de exemplo para os outros. Por que o exemplo é um mestre tão poderoso?

4. Debata a diferença entre dar um bom exemplo e ser justo aos próprios olhos. Por que é tão importante que nossos pensamentos e atitudes interiores sejam consistentes com nossa maneira de agir?

5. Seria conveniente conversar com o chefe da casa sobre o assunto, antes da visita? O líder do quorum ou bispo teria alguma mensagem para o chefe da casa a respeito do poder do exemplo?

A grandeza de um homem revela-se na maneira como ele suporta as provações da vida. Elas o farão perder a fé em si mesmo, em seus semelhantes e no seu Deus? Ou ele consegue superar até mesmo tragédias,

permitindo a nós outros um vislumbre da coragem inerente ao homem?

Meu vizinho enfrentou a tragédia nas circunstâncias mais dolorosas que se possam imaginar, e seu exemplo merece ser

VENCER A AMARGURA

Jeffrey Butler



contado. Em respeito à sua privacidade, chamemo-lo de Irmão Brown. Ele converteu-se à Igreja faz trinta anos em Minnesota, através do exemplo de uma professora SUD, cuja paixão de viver, sensibilidade para com o próximo e, posteriormente, sua capacidade de amá-lo incondicionalmente, prepararam-no para o batismo. Casaram-se e tiveram quatro filhos — três meninas e um rapaz. Então faleceu o pai da Irmã Brown, e sua mãe foi morar com eles.

Num dia de inverno particularmente gelado, o Irmão Brown chegou do trabalho, anunciando que a família iria mudar-se para um clima mais ameno. Voou até o Havai, encontrou emprego e mandou buscar os familiares.

A prova da fé do Irmão Brown começou no dia 17 de março de 1980. Sua mulher, sogra e filha mais velha morreram num acidente de carro, ao serem atingidas frontalmente por um caminhão. O motorista deste de vinte e cinco anos, estava embriagado e passara para a contra-mão, na expectativa de uma conversão à esquerda, que na realidade estava a uns oitocentos metros de distância. Ele não se feriu.

O Irmão Brown soube da tra-

gédia por um telefonema da polícia. Chorando e orando em busca de força, correu para a rua onde viu dois membros da ala passando de carro. Fez sinal para que parassem e, depois de contar-lhes o acontecido, pediu-lhes uma bênção especial para ser capaz de suportar a tragédia. Essa bênção proporcionou-lhe a certeza e segurança de que o Senhor o amava e lhe daria forças para suportar o fardo.

Essa promessa ele começou a demonstrar quase que imediatamente. No funeral, decidiu falar, procurando ajudar-nos a aceitar a perda, mostrando-nos o caminho com seu exemplo. Fiquei profundamente tocado por aquele seu desejo de aliviar nossa dor, quando era ele quem mais sofria.

O último orador ateu-se ao espírito das palavras do Irmão Brown, exortando todos os presentes, particularmente a família enlutada, a combaterem quaisquer sentimentos de raiva contra o infeliz condutor do outro veículo.

Passados dois dias, meu vizinho enfrentou a dura tarefa de separar os objetos que ficaram no carro destroçado. Foi uma experiência angustiante ver de que forma horrível seus entes queridos haviam morrido, além

de ter de descrever o acidente para a companhia de seguros. Reviver a agonia que esperava esquecer quase o derrubou. Naquela noite, em seu sofrimento, começou a sentir raiva do motorista de caminhão. Orou. Os sentimentos amargos continuavam presentes. Porém, não querendo deixar-se vencer por eles, entrou no carro, foi à casa do motorista, sentou-se calmamente com ele e disse apenas:

— Tenho orado por você, por mim, procurando desfazer certa raiva que está começando a me corroer.

O moço olhou-o um pouco temeroso e assustado, mas não disse coisa alguma. Quando o Irmão Brown lhe sugeriu que orassem juntos, ele acedeu relutantemente com um movimento de cabeça, e eles se ajoelharam. O Irmão Brown extravasou o que lhe ia no fundo do coração, acabrunhado pela luta de controlar sua dor, rogando ao Senhor que ajudasse ambos a suportarem a tragédia. O outro continuou silencioso.

Ao se levantarem, meu vizinho notou que o rosto do moço estava tenso e pálido, porém ri-

gidamente inexpressivo. Então colocou os braços em torno dele e disse mansamente, com a voz repleta de paz:

— Eu amo você. Eu lhe perdôo. Vai dar tudo certo. Não largarei você até que consiga desabafar um pouco do que está sentindo.

O moço continuava calado, com expressão conturbada e depois desatou a chorar, soluçando agoniado, desabafando seu desespero nos braços do Irmão Brown. A esposa do moço, juntando-se a esse círculo de amor, contou ao meu vizinho:

— Meu marido se mostra tão devastado pelos sentimentos de culpa, que esta é a primeira vez desde o acidente que consegue expressar-se.

A provação do Irmão Brown não terminou, é lógico. Restam-lhe ainda muitos anos de vida sem a companhia de seus entes queridos. Ele ainda tem de lutar todos os dias. Mas sua missão de amor ajudou-o a reconstruir a vida. E aqueles que o conhecem, aprenderam, em parte, o que significa alcançar a “medida da estatura completa de Cristo”. (Efésios 4:13.)

Quanto mais um indivíduo se torna perfeito, menos se inclina a falar da imperfeição dos outros.

Elray L. Christiansen

IRMÃOS, AMÉM SUAS ESPOSAS

Élder James E. Faust

Há tempos, tenho pensado seriamente no papel que minha mulher desempenha em minha vida. Esta reflexão foi causada por uma pergunta do Élder Boyd K. Packer, do Quorum dos Doze: “O que você seria sem sua mulher, Ruth?” Eu poderia ter respondido que não seria grande coisa, mas isso ele já sabia.

A pergunta dele penetrou-me no fundo da alma e passei as próximas vinte e quatro horas pensando no que eu seria sem o doce, carinhoso apoio e a disciplina de minha esposa. Chocou-me um pouco até mesmo imaginar o que seria a minha vida *sem* ela.

Mas agora, em resposta à pergunta do Élder Packer, eu teria de confessar honestamente que, sem minha mulher, é muito provável que seria um fracasso. Não pretendo ser um entendido em casamento; casei-me apenas uma vez, mas graças a minha mulher, nosso casamento funcionou. Não afirmo ter um casamento melhor que o dos outros, mas, sim, estar casado com uma excelente companheira.

Uma das grandes bênçãos de se ter uma boa esposa é que ela pode ser a fonte da mais fundamental de todas as necessidades humanas — o

amor. O maior e mais incondicional amor que tenho recebido em minha vida veio das grandes mulheres de minha família — esposa, mãe, sogra, avós, filhas e queridas netas.

A influência maior e mais sustentadora em meus anos de maturidade tem sido o amor constante, irrestrito e incondicional que devoto a minha mulher. O relacionamento sagrado com minha companheira tem sido a bênção suprema de minha vida. Simplesmente não consigo imaginar o que seria de minha vida sem esta bênção.

Ainda me comove uma coisa que o Presidente Marion G. Romney disse alguns dias depois da morte de sua companheira, a Irmã Ida Romney, em 1979. Falando numa reunião do Quorum dos Doze no templo, dizia ele: “Quando Ida morreu, algo saiu de mim, minha força sustentadora se foi.” Aos pés do túmulo, ele me disse: “Seja bom para sua mulher. Leve-a consigo sempre que puder. Tempo virá em



“Sem minha mulher, provavelmente seria um fracasso.”

que não mais poderão estar juntos.”

Sou eternamente grato a muitos dos meus irmãos pelos seus exemplos de bondade e consideração para com suas esposas. Lembro-me bem, quando eu era presidente de estaca, do exemplo dado pelo falecido Élder S. Dilworth Young, do Primeiro Conselho dos Setenta. Na época, sua primeira esposa, Gladys, estava inválida devido a um grave derrame cerebral. Ela continuou assim por muitos anos, até sua morte, em 1964. O Irmão Young fazia questão de vesti-la, dar-lhe de comer e cuidar dela. Em toda minha vida, não vi maior exemplo de gentileza e solicitude que o do Irmão Young para com Gladys. Certa vez, ele comentou comigo: “Foi a pior coisa que poderia ter acontecido a Gladys, e a melhor para mim. Tornou-me um homem decente. Aprendi o que realmente deveria ser o amor.”

A maioria dos homens preocupa-se em ter sucesso no trabalho, e a isso dedicam muito de seu tempo e esforço. Porém, pelo exemplo de maridos carinhosos e atenciosos como o Irmão Young, aprendi que para ter sucesso no trabalho, precisamos primeiro ter sucesso em nosso lar como marido e pai.

Não obstante, freqüentemente dedicamos muito mais tempo e atenção aos colegas de trabalho fora de casa, do que aos nossos entes queridos dentro do lar. Dei-me conta de que o trabalho que minha mulher fazia dentro de casa era mais importante do que qualquer coisa que eu pudesse fazer lá fora.

Dei-me conta também de quão grande e constante é a necessidade



“O que você seria, sem sua mulher?”

que nossa esposa tem de amor, apreço, companheirismo e reconhecimento de nossa parte. Satisfazendo essas necessidades, gozaremos de um lugar de honra, dignidade e respeito em nosso lar. Receberemos um afeto ilimitado, alentador, que nos desafia a externar o melhor que existe dentro de nós.

Devemo-nos lembrar, como maridos, de que nossas mulheres são abençoadas com os divinos dons da intuição, fé e amor. Elas gozam das bênçãos do sacerdócio, embora não portem nenhum dos seus ofícios, podendo usar essas bênçãos em nosso proveito, fornecendo bondosa disciplina em nossa vida. Elas conseguem fazer-nos chegar mais perto do que deveríamos ser em nossos chamados. Sua carinhosa disciplina faz parte do nosso polimento, do alisamento das arestas do nosso caráter.

Isabel, filha do Presidente N. Eldon Tanner, diz a respeito do pai: “Quando mamãe se casou com papai, ele não passava de um rapaz do campo.” Contudo, acrescenta que sempre que a Irmã Tanner lhe fazia uma carinhosa sugestão, ele simplesmente dizia: “Se é o que você



“Seja bom para sua mulher. Tempo virá em que não mais poderão estar juntos.”

acha que devo fazer, fá-lo-ei.” Dar ouvidos a uma boa esposa e ao Senhor transformou o Presidente Tanner num grande homem.

O simples fato é que poucos de nós conseguiríamos ser o que somos sem o apoio de nossa afável e amorosa esposa. Provavelmente muitas vezes deixamos de externar-lhe nosso apreço, aceitando-a como coisa normal e garantida. Mas, como posso esperar que o Senhor me honre e se agrade de meus serviços, se eu não honrar e acarinhar minha própria companheira?

Reter ou limitar um homem as bênçãos que deveriam fluir do seu sacerdócio para sua esposa e filhos é exercer injustamente a autoridade sacerdotal. As bênçãos do sacerdócio não se destinam somente ao homem ou marido, mas alcançam seu maior florescimento potencial na eterna relação de marido e mulher, compartilhando e administrando-a aos seus familiares. Essas bênçãos são a chave para a vida eterna, salvação e exaltação pela obediência.

Devemo-nos esforçar em aplicar maior espiritualidade em nosso relacionamento com nossa esposa e

filhos. Tomando o Senhor literalmente como nosso sócio, teremos uma plena medida de paz, felicidade, união e contentamento.

Sei que o evangelho é verdadeiro e sei que parte substancial dele reside em como trato minha mulher no dia-a-dia, hora-a-hora. Acredito que nenhum de nós conseguirá plena posse de todos os seus poderes, sem uma companheira eterna. Creio que sofreremos o juízo final em termos da espécie de pessoa, de marido, de pai que fomos, e que tipo de família criamos.

Irmãos, temos de viver segundo o mandamento do Senhor: “Amarás a tua esposa de todo o teu coração, e a ela te apegarás, e a nenhuma outra.” (D&C 42:22.)

Conversemos a Respeito

Depois de ler “Irmãos, Amem Suas Esposas”, você poderia discutir os pontos a seguir durante uma hora de estudo com sua mulher:

1. Quão importante, você considera receber amor, confiança, apreço e apoio de seu cônjuge? De que maneira vocês dois poderiam compartilhar livremente essas coisas?

2. Diz o artigo que “para ter sucesso no trabalho, precisamos primeiro ter sucesso em nosso lar”. Por que é importante estabelecer tal prioridade?

3. “Tomando o Senhor literalmente como nosso sócio”, diz o artigo, “teremos uma plena medida de paz, felicidade, união e contentamento.” De que maneira o casal pode incluir o Senhor como sócio em seu casamento?

4. Cada um a sós, faça uma lista do que aprecia no outro. Depois, discutam o que escreveram.

O Irmão Santos e sua mulher são bons pais; amam seus filhos e lhes dedicam bastante de seu tempo. Ajudam-nos nas tarefas escolares e os incentivam a desenvolverem seus talentos. Regularmente, realizam sua

noite familiar e atividades em família. Porém, no seu casamento muitas vezes não sentem união e felicidade.

Assim como muitos casais, eles acham que estando felizes os filhos, os pais sê-lo-ão também, au-

PAIS FELIZES, CRIANÇAS FELIZES

Ed e Ann Lauritsen



tomaticamente — e por isso investem quase todo seu tempo e esforço na família. Contudo, descobrimos que o reverso também funciona — pais felizes geralmente têm filhos felizes.

Num lar em que os pais dão grande importância ao seu próprio relacionamento, procurando diariamente fortalecer os laços afetivos entre eles, os filhos sentem-se seguros. Aprendem paciência, tolerância, bondade, amor e perdão pelo exemplo dos pais — não meramente por preceito.

Uma das melhores maneiras de se ter filhos felizes, seguros, é, portanto, ter um casamento feliz e seguro.

Uma lição da Sociedade de Socorro de anos atrás ressaltava muito bem a influência do relacionamento conjugal sobre os filhos:

“O casamento é o alicerce sobre o qual são construídos todos os outros relacionamentos da família. O relacionamento entre marido e mulher é a base para tudo o mais na família...”

“Começando quando a criança é ainda muito pequena e continuando através da maturidade, o ambiente familiar e, mais especificamente, o relacionamento entre o pai e mãe constituem um exemplo para a criança em sua interação com os outros. A maneira pela qual a criança é incluída no relacionamento dos pais, ou como sente que participa desse relacionamento, é, com certeza, o único e mais impor-

tante fator no desenvolvimento da sua personalidade. Assim:

“A demonstração de amor e interesse para com seu cônjuge pode ser interpretada pela criança como aceitação dela própria.

“Responder cooperativamente a seu cônjuge, em lugar de competitivamente, ajuda a criança a ser mais colaboradora e agradável, em vez de intrigante e vingativa...”

“Amar intensamente o casamento e a vida em geral será para a criança como um modelo necessário ao desenvolvimento de atitudes apropriadas para sua vida futura.”

Descobrimos o acerto disso na nossa própria família. Nos primeiros tempos de nosso casamento, ocasionalmente eu chegava em casa aborrecido com algum problema no trabalho. Quando passava pela porta, Ann imediatamente ficava imaginando o que *ela* teria feito para deixar-me tão irritado. Era preciso muita argumentação para que entendesse que eu não estava zangado com *ela*. Percebemos uma reação semelhante em nossos filhos, quando temos alguma desavença. Eles parecem sentir-se um pouco responsáveis pelos nossos problemas. Da mesma forma, parecem sentir tranquilidade e segurança quando estamos em bons termos, além de se mostrarem mais cooperadores e atenciosos, quando nosso casamento anda bem.

Como podem marido e mulher melhorar seu casamento? É

muito fácil cair na armadilha de achar que a obediência aos mandamentos fundamentais por si só assegura um casamento feliz. O casamento exige a aplicação de mais outros princípios e instruções do Senhor, e todo marido e mulher precisam empenhar-se no aprimoramento de sua relação conjugal — e estar dispostos a dedicar a isso o tempo e esforço necessários.

Carlfred Broderick, um presidente de estaca e conselheiro matrimonial por profissão, diz: “As pessoas me procuram, dizendo: Presidente Broderick, pagamos honestamente nosso dízimo, guardamos a Palavra de Sabedoria, vamos a todas as reuniões da Igreja e cumprimos todos os nossos deveres, e ainda assim nosso casamento é infeliz. Como explica isto?”

“Lembro-lhes a escritura que diz que ‘há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

“‘E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia.’ (D&C 130:20-21.) As leis do sucesso conjugal estão expostas na seção 121 de Doutrina & Convênios e no capítulo 12 de Romanos, entre outros.”

Os *princípios de relacionamento* são às vezes mais difíceis de se aprender e obedecer que os de retidão pessoal, pois envolvem não só nossos sentimentos e atitudes, como também os de

outra pessoa. Não obstante, para conseguir a bênção de um relacionamento feliz e amoroso, somos obrigados a obedecer aos princípios nos quais ele se baseia. Talvez o mais simplesmente exposto de todos os princípios de relacionamento conjugal esteja no capítulo cinco de Efésios:

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor...”

“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela.” (Efésios 5: 22,25.)

Esta passagem ajudou-me a entender três maneiras muito importantes de fortalecer nosso casamento. Como a mulher aprende a estimar seu marido e a segui-lo como seguiria ao Senhor? Como o homem aprende a amar sua esposa tanto quanto Cristo amou a Igreja? As respos-



tas estão parcialmente no próprio exemplo de Cristo: (1) Ele sempre nos trata com muito carinho; (2) ele nos conhece; e (3) passou a vida servindo-nos.

Seguindo o exemplo do Salvador, marido e mulher devem tratar-se mutuamente com carinho e cortesia, procurar conhecer-se intimamente, e servir ou ajudar-se com reciprocidade. Numa atmosfera de consideração, entendimento e cooperativismo, marido e mulher abrem o caminho para o Senhor magnificar seu amor recíproco e sua felicidade individual e familiar.

Verificamos que existem certas ocasiões em que é particularmente importante mostrar-se atencioso, tolerante e prestativo — quando se dá uma morte na família, quando um familiar está doente, quando a família muda de residência, quando o cônjuge cometeu um erro, quando o

companheiro está cansado ou preocupado, ou tem uma designação eclesiástica a cumprir, quando chegam visitas, nos domingos, feriados e durante as férias.

Orar explicitamente para que o Senhor nos ajude a compreender melhor e apreciar mais nosso cônjuge é essencial. Também achamos muito proveitoso lermos juntos nossa bênção patriarcal, história pessoal ou familiar, de tempos em tempos. Tentativas sinceras para uma aproximação maior com a família do outro também produzem uma compreensão mais profunda.

Em nosso casamento, verificamos que as crescentes responsabilidades com filhos, trabalho e cumprimento das designações eclesiásticas ocupam facilmente todo nosso tempo. Os sentimentos de afeto e gentileza são assim facilmente postos de lado, sem um esforço deliberado e cooperativo para reservarmos regularmente um tempinho só para *nós*. Faz poucos anos decidimos que precisávamos de um encontro semanal. Saímos para um passeio a dois, limpamos a casa para um amigo doente, planejamos nosso orçamento ou visitamos a biblioteca, planejamos excursões ou surpresas para as crianças. Ocasionalmente, quando as finanças permitem, vamos ao teatro ou cinema, às vezes com nossos amigos. Além de voltarmos para casa reanimados, descobrimos também que nossos



filhos demonstram maior interesse por nós.

Outro encontro indispensável é nossa sessão semanal de planejamento conjugal. Embora tenhamos levado quase um ano para transformá-la em hábito, agora ficamos admirados como conseguíamos arranjar-nos sem ela. Ela nos ajuda a ter mais interesse pelo que o outro está fazendo; a reconhecermos como somos importantes um para o outro e para nossos filhos, dá-nos oportunidade de nos examinarmos e a nossos filhos e decidir as providências para enfrentar nossos problemas. Quando, por exemplo, notamos que algum dos filhos anda agindo mal, discutimos várias possíveis atitudes ou providências. Às vezes, percebemos que assuntos importantes como a história familiar ou escrever cartas estão sendo negligenciados, e reservamos um tempo para cuidar deles. Além disso planejamos nossos encontros, programas especiais com os filhos, detalhes para a noite familiar, atividades dominicais, nossa parte no ensino familiar. A princípio, muitas vezes nos sentíamos muito cansados ou indolentes para cumprir o planejado. Mas acabamos por estabelecer a norma de que, a menos que alguém esteja doente, cumpriríamos o programa. Seguindo esta norma, sentimo-nos mais felizes.

Para nós, o domingo é a melhor ocasião para essas sessões de planejamento semanal, que

geralmente levam de quinze a trinta minutos. Ocasionalmente demoram um pouco mais, quando assuntos ou problemas maiores exigem mais deliberações.

Descobrimos como é vital “trabalhar” o nosso casamento — nossa mais importante relação humana. Quando dedicamos tempo e esforço para nos tratarmos bem, nos conhecermos e servirmos mutuamente, nosso amor se aprofunda e encontramos mais satisfação em nosso relacionamento com a família e outras pessoas. Quando estamos ressentidos um com o outro, torna-se difícil ser cálido, amoroso e calmo com as crianças e terceiros. Quando oramos de todo o coração e nos empenhamos com todas as forças para tratar os outros como Cristo nos trataria, encontramos solução para nossos problemas.

Embora justamente agora nossos filhos tomem grande parte de nosso tempo e atenção, damos-lhes conta de que, algum dia, eles nos deixarão para serem selados a um companheiro. Se formos dignos, gozaremos de um convívio contínuo com eles durante a eternidade. Porém, nosso relacionamento mais íntimo será sempre o de marido e mulher. Quaisquer sucessos no fortalecimento de nossos laços afetivos terão duração eterna. E encontraremos felicidade maior ainda dando aos nossos filhos uma dádiva preciosa — o exemplo de um casamento que se aprimora e gratifica.

O TRIUNFO DE MARTA

Paul W. Robinson



— **T**enho de encomendar minha borla e capelo, — anunciou Marta, ao passar pela porta. Minha filha adotiva tinha dezoito anos e estava terminando o curso de segundo grau.

Quem jamais chegaria a imaginar que a garotinha retardada de dez anos que viera para o nosso lar há oito anos, se formaria no curso secundário? E quem diria que se filiaria à Igreja e faria proselitismo num país estrangeiro, antes mesmo de completar esse curso?

Durante oito anos, observamos o esforço hercúleo de Marta para vencer as limitações que a tolhiam. Dez dias antes de ser trazida a nós pela assistente social, ela fora levada pelo pai ao pronto-socorro do hospital local. A enfermeira atendente, percebendo os vergões que apresentava nas costas, notificara a Divisão de Assistência Familiar. O pai ficou nervoso e acabou abandonando a garota, quando viu que não conseguiria tirá-la dali em poucos minutos. Então a Divisão de Assistência Familiar solicitou-nos que ficássemos com ela temporariamente.

Os primeiros dias de Marta em nossa casa foram difíceis. Falava quase só espanhol e arrastava os pés ao andar. Ficava o tempo todo olhando para o chão e falava com voz praticamente inaudível. Os psicólogos da DAF consideraram-na mentalmente retardada, e embora eu também fosse psicólogo, não

era preciso ser um profissional nesse campo para perceber que tinham razão.

Os novos irmãos de Marta, de dois, três e quatro anos, demonstraram seu entusiasmo, levando-a aos puxões e empurrões para seu quarto. Ela ficou parada, enquanto eles lhe mostravam como, pulando na cama, dava para alcançar o quadro da parede. Depois do desjejum, no dia seguinte, Marta continuou parada em silêncio, enquanto Mike e Kit se pavoneavam com seus triciclos, fazendo círculos em torno dela no pátio dos fundos. Nos dias seguintes, quase todas as tentativas dos meninos de incluí-la em suas brincadeiras terminavam com Marta correndo para junto de Carol, minha mulher, da qual se tornou uma sombra.

Pouco depois, matriculamos Marta num curso especial na escola elementar do bairro. Uma tarde, voltando para casa, encontrei Carol esperando por mim junto à porta.

— Eles batem nela, — comentou chorosa.

— Quem? — indaguei.

— Dois meninos na escola. Primeiro tentaram fazê-la chorar com provocações. Ela gritou: “Não gosto de vocês” e então eles a derrubaram e rasgaram seu vestido. Quando ainda assim não chorou, bateram nela — explicou Carol.

“Não gosto de você” era a única coisa que Marta sabia falar em inglês, quando chegou lá

em casa. Obviamente aprendera estas palavras como proteção contra crianças que a provocavam no passado. Era a única maneira que tinha de se defender.

Compreendemos que fazer a escola castigar os meninos não resolveria o problema de Marta; surgiriam outras ocasiões semelhantes, quando, possivelmente, não estaríamos lá para protegê-la. Por isso, decidimos ensinar Marta a reagir às provocações de maneira diferente — sorrindo.

Começamos uma brincadeira familiar na hora das refeições, em que todos se revezavam, provocando jocosamente os demais. A princípio, dizíamos coisas obviamente fantasiosas como: “Você tem orelhas de elefante” ou “Seus braços são tão compridos que arrastam no chão” etc. Sempre que Marta reagia com um sorriso, a família inteira a elogiava. Levou algum tempo, mas depois de semanas, Marta já reagia às provocações sorrindo. Não demorou muito, as provocações deixaram de ser problema. Mas este não era seu único problema. Ela possuía péssimos hábitos de higiene e não demonstrava nenhuma vontade de aprender. Jamais chorava na presença de outros, mas frequentemente ouvíamos seus soluços à noite.

Nos primeiros meses que esteve conosco, a Divisão de Assistência Familiar conseguiu desvendar aos poucos seu passado. Marta nascera em Porto Rico; os pais haviam-se separado

*“Meus olhos marejaram
ao ler a mais bela versão
da história de Joseph
Smith que já encontrei.”*

quando era bem pequena, e durante anos, ela foi sendo empurrada de um parente para outro. Sua tia Puruca parecia ser a única pessoa que a amava e se importava com ela.

Quando tinha dez anos, o pai resolveu ir para a Califórnia. Levou a menina consigo, na esperança de conseguir assistência social mais generosa. Mas achava que Marta estava tomada de maus espíritos e por diversas vezes tentou expulsá-los com pancadas. Foi durante a viagem para a Califórnia que Marta adoeceu, obrigando-o a parar no hospital de nossa cidade.

Depois de receber Marta em nossa casa, Carol e eu caímos numa armadilha emocional. Começamos a ter pena dela, deixando-nos dominar por este sentimento. Certa ocasião, por exemplo, ela, Mike e Kit fizeram uma travessura. Guiando-me por Provérbios 22:15 e 29:17, dei umas palmadas nos dois meninos e os mandei para a cama. Lembrando-me dos maus tratos sofridos por Marta no passado, simplesmente a mandei para a cama.

Mais tarde, no mesmo dia, Marta veio perguntar-me:

— Por que eu não apanhei?

Sua pergunta me atingiu em cheio — eu cometera o erro mais imperdoável de um pai adotivo: Não a tratara igual a meus próprios filhos. Tivemos uma conversa e descobri que, enquanto eu achava que o fato de poupá-la das palmadas era um sinal especial de afeto, ela o interpreta-

ra como prova de não ser tão amada quanto os meninos. Jamais isto se repetiria, prometi a mim mesmo.

Essa experiência fez-me compreender também que nossa atitude indulgente estava prejudicando, em lugar de ajudar Marta. Exatamente como os pais super-protetores que inibem a reabilitação de um filho deficiente físico, impedindo-o de esforçar-se, estávamos procurando proteger Marta de seu problema, em lugar de ajudá-la a vencê-lo.

Tendo isto em mente, Carol e eu começamos a trabalhar com Marta para descobrir quais eram suas aptidões. Passamos horas, diariamente, tentando instilar na menina o desejo de aprender e fazer coisas sozinha. Assim como o fisioterapeuta que repetidamente incentiva um paralítico a tentar andar, nós ficávamos desafiando seguidamente suas capacidades. Princípios com coisas que ela sabia fazer — pentear-se, vestir-se, olhar livros ilustrados durante períodos breves. Com o tempo, fomos acrescentando outras tarefas. Muitas vezes percebíamos que estávamos pedindo demais, tendo de recuar e começar de novo. Gradualmente, mas com crescente empenho, Marta começou a lutar para vencer. Aprendeu a lavar os cabelos, arrumar a cama, passar roupa e ler sozinha.

Aos quatorze anos, finalmente emergira de seu casulo psicológico. Dali em diante, não foi mais preciso incentivá-la; algo dentro

dela a impelia a buscar conhecimento. Embora se desse conta de que ainda tinha muitas dificuldades, ela se esforçava tanto quanto um nadador treinando para as Olimpíadas. Memorizar todos os músculos e ossos do corpo humano exigiu-lhe cinco vezes mais esforço que de seus colegas de classe, mas ela conseguiu. Ela própria decidiu frequentar o seminário todos os semestres e não permitia que nada a impedisse de ir à Igreja.

Como pais adotivos, não sabíamos o que fazer com seus pedidos insistentes para ser batizada. Sabíamos muito bem que, algum dia, ela provavelmente voltaria para Porto Rico, quando terminasse o período em que o estado tinha os direitos de guarda sobre ela. Se permitíssemos seu batismo, seus parentes não reclamariam que fora obrigada a filiar-se à Igreja? Ou queria ser batizada simplesmente porque a maioria de suas amizades eram da Igreja? Teria realmente a capacidade de compreender o que estava pedindo? Carol e eu decidimos que Marta devia esperar até ter dezoito anos.

Certa noite, depois de todas as crianças estarem na cama, Carol mostrou-me uma carta escrita por Marta. Ela pedira-lhe que a lesse para ver se não tinha erros gramaticais. O segundo parágrafo da carta começava assim: “Puruca, você não pertence à igreja verdadeira. Você precisa entrar na Igreja Mórmon. Sabe, houve um rapaz chamado Joseph Smith...” Meus olhos ma-

“Eu... verei alguém que superou obstáculos dos mais difíceis encontrados por um ser humano.”

rejaram ao ler a mais bela versão da história de Joseph Smith que já encontrei.

Voltando-me para minha mulher, comentei:

— Marta está preparada para o batismo.

Eu não tinha dúvidas de que Marta tinha testemunho do evangelho. O único problema que restava era verificar se sua tia Puruca não se opunha. Essa tia vinha insistindo em que Marta fosse mandada de volta para Porto Rico; mas agora, como única representante da família de Marta, ela consentiu no batismo.

Marta foi batizada em março de 1978. Em maio, ela recebeu sua bênção patriarcal, na qual diz que seria um instrumento na conversão de sua família. Mais uma vez, Carol e eu duvidamos; e mais uma vez estávamos errados.

Puruca escreveu, pedindo se podia vir visitar Marta durante um mês. Ela chegou em junho; não falava inglês, e nós não sabíamos espanhol. Como Marta esquecera todo espanhol que soubera quando criança, recorreremos a missionários que falavam esse idioma. Durante a visita de Puruca, levamo-la a conhecer a Universidade Brigham Young e o Centro de Visitantes na Praça do Templo, na Cidade de Lago Salgado, além de acamparmos por uma semana. Ficamos muito amigos de Puruca, que acabou ficando dois meses, continuamente discutindo o Livro de Mórmon com Marta. Ao partir, ela disse:

— Não acho mais que Marta deva voltar para Porto Rico, pois, obviamente, tem uma família aqui. Mas gostaria de que ela nos visitasse de vez em quando.

Nos meses seguintes, amiu-dou-se a correspondência de Puruca com nossa família, mas sem se mencionar a Igreja. Puruca era solteira e vivia com sua mãe e irmã. Um dia, minha mulher, muito entusiasmada, mostrou-me uma carta de Puruca, que começava assim:

“Queridos Carol e Paul, é bem cedo de manhã e acabo de voltar para casa. Não pude esperar para escrever e contar-lhes que acabo de voltar de San Juan onde fui batizada...”

Este ano, Marta se forma no segundo grau, e Puruca vai trazer consigo sua avó para a formatura. É que grande momento não será! Os presentes à formatura verão, quase todos, uma adolescente igual às suas colegas de classe. Eu, porém, verei alguém que superou obstáculos dos mais difíceis encontrados por um ser humano. Verei ali uma filha que quis saber por que era diferente dos outros e depois teve fé para aceitar um desafio imenso. Verei uma filha que foi provocada e ridicularizada, mas, ainda assim, ama a todos em seu coração. Verei uma filha cujo espírito enriqueceu uma família inteira.

A avó de Marta verá sua legítima neta pela primeira vez. Encontrará também os missionários, se for pela vontade de Marta.

ALCOOLISMO

*Esperança de
Compreensão e Recuperação*

James R. Goodrich



“Poderão os familiares ajudar, quando o alcoolismo de um ente querido começa a destruir relações importantes e significativas?”

Há pouco tempo nossa família freqüentava as reuniões da Igreja numa comunidade vizinha. Gostávamos das reuniões, mas, durante as atividades das crianças na Primária, aconteceu uma coisa interessante que, no entanto, deixou-me perturbado.

Na hora de cantar, a regente inocentemente deu uma bala a cada criança, dizendo: “Esta é uma bala especial. Depois de chupá-la, vocês serão capazes de cantar bem alto e bonito.”

Funcionou. O canto foi um sucesso. Porém, fico preocupado com a lição sutil, não intencional que receberam.

Vivemos numa sociedade adpta e produtora de uma imensidão de drogas de uso e abuso generalizado — aspirina, comprimidos contra resfriados e indisposição estomacal, nicotina, maconha, álcool, heroína — pílulas estimulantes, pílulas calmantes, pilulas para resolver quaisquer problemas. Os povos em tais culturas acreditam que ninguém deve suportar qualquer

dor ou desconforto, e que todo problema na vida, mesmo o de aprender a cantar, pode ser solucionado com alguns grãos, goles ou pílulas.

As drogas ilegais e o abuso de drogas prescritas e de livre comercialização se constituem numa grave ameaça à saúde. Porém, o maior problema de todos está no consumo de álcool.

O Élder Milton R. Hunter resumiu-o muito bem, dizendo: “O demônio jamais encontrou melhor instrumento na história do mundo que o álcool para destruir a felicidade dos seres humanos.” (Vital Quotations, comp. Emerson Roy West, Salt Lake City: Bookcraft, 1968, p. 10.)

O que tudo isso tem a ver com os membros da Igreja, aos quais se recomenda evitar a ingestão de bebidas alcoólicas?

Embora a percentagem de membros da Igreja que bebem seja menor que entre a população em geral, existem irmãos e irmãs que, contrariando a Palavra de Sabedoria, decidem be-

“A maioria dos efeitos perniciosos da bebida não aparecem de início e nisto reside o cruel ludíbrio do álcool.”

ber, muitas vezes em sério prejuízo de si próprios e seus familiares.

Em meu trabalho, tenho encontrado muitos membros da Igreja em condições das mais lamentáveis. Um deles, vítima de sérios problemas alcoólicos, disse-me: “Perdi minha mulher. Depois de me implorar inutilmente que eu parasse, acabou divorciando-se, e agora estou só. Ninguém mais pode confiar em mim — meus companheiros de trabalho, minha família, perdi todos.”

Outro afirmou: “Mesmo depois de destruir dois carros e submeter minha família a pesados ônus financeiros por causa de meu alcoolismo, eu não admitia estar bebendo demais e me recusava a procurar ajuda.”

Certa irmã contou chorando: “Tenho medo de ir para casa. Frequentemente meu marido chega em casa embriagado e então me bate ou bate nas crianças. Por quanto tempo mais agüentaremos isso? Eu o amo e quero que se emende. Por favor, ajude-me.”

Qual é a solução? Poderão amigos, familiares ou qualquer outra pessoa ajudar, quando o alcoolismo de um ente querido começa a destruir relações importantes e significativas?

Embora não exista uma resposta única para todos os casos, o conhecimento dos princípios e diretrizes a seguir pode ser útil.

A princípio, a pessoa começa a beber por uma dúzia de razões diferentes — curiosidade, rebeldia, pressão dos amigos, influência dos meios de comunicação, para mencionar apenas alguns. Entretanto, o processo que conduz ao hábito de beber geralmente inclui estas etapas:

1. *A pessoa descobre o prazer temporário proporcionado pela ingestão de bebidas alcoólicas.* O efeito inicial do álcool no organismo costuma ser uma sensação de bem-estar ou euforia. Ele ajuda a nos descontrairmos e aliviar tensões, a sermos mais espontâneos, desinibidos e amigáveis (do ponto de vista de quem bebe). É uma fuga da rotina. Infelizmente, a maioria dos efeitos perniciosos da bebida

não aparecem de início — e nisto reside o cruel ludíbrio do álcool.

2. *A pessoa passa a procurar esse prazer temporário da bebida.* O álcool consegue proporcionar repetidamente essas reações de prazer temporário; por isso, a pessoa passa a procurar oportunidades para beber. Com a continuidade, talvez descubra que a sedação produzida pelo álcool amortece também seus sofrimentos emocionais, como solidão, rejeição, medo, senso de incapacidade ou fracasso. Como tais sentimentos desagradáveis retornam ao tornar-se sóbrio, volta a sentir maior necessidade de beber.

3. *O organismo da pessoa desenvolve tolerância ao álcool.* A pessoa acaba verificando que precisa beber cada vez mais para conseguir os efeitos desejados. Neste estágio, chega mesmo a vangloriar-se abertamente de quanto consegue beber e, ainda assim, controlar-se diante de muita bebida.

4. *A pessoa torna-se dependente do álcool.* Agora chega ao ponto em que não consegue mais “funcionar” sem álcool; precisa beber para fazer seja o que for.

5. *A pessoa começa a sofrer os efeitos negativos do álcool.* Devido à frequência e quantidade do álcool consumido, começam a se fazer notar as inevitáveis conseqüências negativas. Cai a produtividade no trabalho; as relações familiares começam a deteriorar; talvez haja um aci-

dente grave de carro, a pessoa diz ou faz alguma coisa tola durante a bebedeira, sofre uma condenação judicial ou multa ou maltrata o cônjuge ou um filho.

6. *O alcoólatra passa a sofrer emocional e psicologicamente.* Devido ao impacto das condições acima, perde a auto-estima, sente comumente remorso e culpa, e cai num intenso sofrimento emocional.

7. *A pessoa agora bebe para fugir ao sofrimento causado pela bebida.* Infelizmente, as experiências passadas mostraram-lhe claramente que a melhor maneira de fugir ao sofrimento é beber novamente. Então a vítima entra num círculo vicioso, decaindo vertiginosamente. O que começou como uma sensação de euforia, é agora um pesadelo de sofrimento psicológico, aliado a dolorosas reações físicas quando não bebe. A pessoa costuma ficar deprimida, pensar em suicídio, sentir total desespero e desesperança — todavia, ironicamente continua pensando no álcool, o próprio causador do problema, como único meio de fuga.

Embora o alcoólatra geralmente não aceite ajuda de outra pessoa, é-lhe quase impossível fugir a esse círculo vicioso, sem o auxílio de amigos, familiares e do Senhor.

Infelizmente, o comportamento bem-intencionado de familiares, amigos, chefes e outros freqüentemente contribui para

agravar o problema.

Vejamos, por exemplo, o caso de um casal SUD, João e Susana, com quem trabalhei.

Alguns anos depois de estarem casados, João começou a beber. Susana, porque o amava, tentou de tudo que conseguiu imaginar para fazê-lo parar. Escondia as bebidas ou sua carteira, tentava mantê-lo afastado dos amigos afeitos à bebida. Repetidamente, quando chegava em casa embriagado, ela procurava esconder a situação diante de terceiros. Telefonava ao chefe dele, dizendo: “O João está resfriado. Acho que não conseguirá ir trabalhar hoje.” Passou também a mentir para os filhos: “Papai está tendo problemas no trabalho, está sofrendo uma porção de pressões.”

Os filhos logo descobriram a verdade. Sentindo a pressão em casa, deixaram de convidar amigos e protegiam o pai, ocultando sua conduta ou procurando desculpá-lo. Susana também tinha vergonha de procurar o bispo. Como poderia contar-lhe que João estava bebendo?

Este caso ou outros semelhantes repetem-se vezes sem conta, acabando mesmo por envolver uma porção de gente. O bispo talvez comece a fornecer mantimentos e roupas, quando os recursos da família se exaurem. Colegas de trabalho procuram acobertá-lo ou assumem encargos suplementares, para que homens como João não percam o

emprego. O chefe pode fazer vista grossa ao desempenho relapso ou dar à pessoa repetidas oportunidades de emendar-se por achar ser anticristão despedi-la: “O que seria da sua família, se o despedisse?”

Tais atitudes geralmente são prejudiciais, por protegerem a pessoa das conseqüências da sua conduta e tornando-lhe conveniente continuar bebendo.

Um dos primeiros passos para ajudar famílias como a de João e Susana, é fazer com que Susana e os outros envolvidos deixem de agravar o problema com sua maneira de agir. Eles têm de aprender a exercer um “amor enérgico”, o qual defino como fazer o que tem de ser feito, mesmo, que machuque, ou não fazer por outros o que são capazes de fazer sozinhos.

O “amor enérgico” nem sempre é fácil. Não é fácil quebrar o silêncio e enfrentar o ente querido com um firme espírito de amor e solidariedade. Pode ser extremamente doloroso para uma esposa deixar o marido a noite inteira largado na cadeira na qual “apagou”, e fazer com que ele próprio limpe o que sujou na manhã seguinte. É duro para os filhos dizerem aos amigos: “Mamãe está bêbada” em lugar de arranjar uma desculpa.

É difícil estar sempre seguro de si, ao lidar com alguém que se tornou perito em lançar suas responsabilidades sobre os outros. Por uma questão de sobrevivên-

“Seja como for, o alcoólatra precisa assumir a responsabilidade de sua conduta negativa.”

cia, os alcoólatras tornam-se excelentes manipuladores de pessoas. João, por exemplo, manipulou Susana a ponto de fazê-la acreditar que era por culpa dela que ele bebia. Sentindo-se intimamente magoada, foi ficando cada vez mais ressentida — até perceber o que ele estava fazendo com ela. Quando, finalmente, compreendeu que ninguém consegue *fazer* alguém tornar-se alcoólatra, passou a controlar suas emoções, sendo capaz de impedir essa manipulação e a amargura que muitas vezes a acompanha.

Seja como for, o alcoólatra precisa assumir a responsabilidade de ou, em outras palavras, sofrer as conseqüências de sua conduta negativa, antes de ser motivado a emendar-se.

Infelizmente, os próprios ensinamentos que instruem os santos a não beber, podem-nos induzir a atitudes prejudiciais para com os que caíram na armadilha do alcoolismo. Opiniões insensíveis, comentários insensatos e equívocos quanto ao problema

do álcool e o que ele faz às pessoas, muitas vezes interferem na nossa capacidade de ajudar.

Pensem na rejeição que João sentiu, quando compareceu a uma atividade da Igreja, e um casal ao lado levantou-se e mudou de lugar por causa do seu hálito recendendo a bebida. Isto não acontece sempre, é óbvio, mas quando acontece, causa um impacto negativo muito intenso na pessoa. Pessoas como João precisam de ajuda, não de rejeição.

Descobri que podemos ser mais úteis, quando encaramos o alcoólatra como um filho de Deus, com o mesmo valor eterno de outra pessoa qualquer, mas que está doente e precisa de assistência apropriada. É nessa hora que ele mais precisa de amor, interesse e aceitação.

Comparemos as experiências de João com as de um adolescente SUD chamado Davi. Em franco desafio e rebelião contra o pai, Davi pegou o carro da família. Sucumbindo ao êxtase da alta velocidade, acabou não con-

“Descobri que podemos ser mais úteis quando encaramos o alcoólatra como um filho de Deus.”

seguindo fazer uma curva, capotou diversas vezes e ficou gravemente ferido. Felizmente seus companheiros sofreram apenas ferimentos leves.

A família e os membros da ala jejuaram e oraram pela recuperação de Davi; além disso, ele recebeu uma bênção especial de seus mestres familiares e muitas visitas. Até mesmo os outros rapazes envolvidos no acidente e seus pais visitaram Davi, expressando desejos de rápida recuperação. Embora ficasse com algumas lesões e cicatrizes, Davi sobreviveu, e todos agradeceram ao Senhor por ter-lhe preservado a vida.

Davi cometeu um erro grave, mas ainda assim recebeu o apoio necessário numa hora crítica de sua vida. A experiência de João, entretanto, foi bem diversa. Quando, finalmente, reconheceu que necessitava de auxílio e foi admitido numa instituição local para tratamento de alcoólatras e viciados em drogas, so-

mente sua esposa o visitava. Os membros da ala não jejuaram nem oraram por sua recuperação. Não recebeu uma bênção especial do sacerdote. E quando teve alta, as pessoas demonstravam apreensão, incerteza e dúvidas quanto a sua capacidade de manter-se firme.

Aprendi que um afeto puro, solidariedade pessoal e maior compreensão podem beneficiar a vida dos que sofrem os efeitos do álcool tanto quanto a vida dos que têm outros problemas. Talvez a parte mais difícil do apoio a um alcoólatra em sua luta para vencer o vício seja aprender a aceitar recaídas sem desanimar. A recuperação leva tempo, e geralmente surgem retrocessos e desapontamentos. Com frequência, é grande a tentação de simplesmente desistir — achar que todas as esperanças foram baldadas e que tudo deu em nada.

O mais difícil é manter a devida perspectiva — ser capaz de distanciar-se e encarar o problema

com isenção de ânimo, em lugar de sentir-se mentalmente prisioneiro sem nenhuma perspectiva de saída. Os familiares precisam aprender a descontraírem-se e aceitar pequenos progressos, conservando sempre a esperança de que esse problema familiar tem solução, compartilhando essa esperança entre si. Logicamente não devem deixar de buscar continuamente ajuda divina. O Senhor pode abençoar-nos com um discernimento muito superior ao nosso, e um testemunho maior do evangelho é capaz de fornecer-nos forças para perseverar.

Paciência e perseverança ajudarão a família a continuar amando e incentivando após uma recaída, em lugar de mostrar-se acabrunhada e ressentida.

Isto não quer dizer que sempre teremos sucesso em recuperar um ente querido. Ainda assim, os princípios citados são válidos. E se o alcoólatra é incapaz de resolver seu problema, pelo menos nossa própria vida terá progredido.

É possível evitar muito sofrimento, se os familiares que não bebem receberem assistência imediata. É importante que todos os envolvidos tomem a iniciativa de aprender tudo o que puderem a respeito do álcool, do processo do alcoolismo e de como familiares e outros contribuem involuntariamente para que a pessoa continue bebendo.

Os familiares abstêmios poderão recorrer aos mestres familiares, líderes de quorum, o bispo e outros líderes interessados do sacerdócio e Sociedade de Socorro, além de membros ex-alcoólatras.

Quanto ao alcoólatra, além das pessoas acima, poderá recorrer aos Alcoólatras Anônimos e outros grupos semelhantes, além de instituições especializadas de recuperação. É essencial saber que, em muitos casos, é virtualmente impossível a recuperação sem um tratamento especializado de desintoxicação. Em quase todas as comunidades, existe auxílio para problemas de alcoolismo, desde que as famílias busquem tal assistência.

A aplicação das diretrizes expostas, embora não seja fácil, proporcionou a muitas famílias um rumo significativo a seguir e produziu algumas experiências bastante positivas. Observar uma pessoa superar o problema do alcoolismo e ver uma família novamente unida é uma coisa maravilhosa.

A afirmação do Senhor de que “o valor das almas é grande” e que “grande será a (nossa) alegria”, se salvarmos “mesmo que seja uma só alma” (D&C 18: 10,15), é, sem dúvida, verdade quando trabalhamos com alcoólatras. Com o auxílio do Senhor, podemos abençoar a vida dos afetados pelo álcool, ofertando-lhes genuína esperança de recuperação.

BOA INTENÇÃO

Era um dia de outono em Wyoming. Os majestosos Montes Teton, recortados no céu azul, espelhavam-se delicadamente no Lago Jackson — um cenário maravilhoso para o início de uma maravilhosa viagem de canoa descendo os quase cento e sessenta quilômetros do turbulento Rio Snake*. Fazendo jus ao nome o rio serpenteava por uma região agreste com abundante vida animal. Ali eram raras as estradas e havia apenas trilhas ocasionais.

O entusiasmo imperava, e os corações pareciam bater mais acelerados quando os dezenove pais, que também eram líderes de escotismo e seus filhos de dezesseis anos aguardavam às margens do rio em Moran, o início de sua aventura.

Dois rapazes altos e queimados de sol, de dezenove anos, e experimentados conhecedores do rio, seriam nossos guias — um liderando o grupo e o outro seguindo logo atrás. Todas as

suas instruções e recomendações caíam em ouvidos ávidos para aprender. Quando nos advertiram a respeito dos redemoinhos capazes de arrastar para o fundo uma canoa com seus ocupantes, todos mostramos uma ponta de apreensão. Houve também instruções sobre como aproximar-se e vencer os trechos de corredeiras. A instrução-chave era: Aconteça o que acontecer, não desequilibrem a canoa. Resolvemos, e era de fato nossa intenção, obedecer estritamente a todas as instruções recebidas. Remaríamos uniformemente dos dois lados; ficaríamos sempre de joelhos para maior agilidade de movimentos, a fim de conservar o equilíbrio da canoa.

Ilustrado por Lee Shaw

* Snake = serpente. N. do T.

NÃO BASTA.

Élder Rex C. Reeve

Como líder responsável pelo grupo, pareceu-me sentir leves dúvidas ouvindo as instruções de segurança dos guias. Lembrei-me de um noticiário recente sobre um pai que caíra da canoa durante a travessia de uma correnteza e, batendo com a cabeça numa pedra, afogou-se antes de poder ser socorrido, embora estivesse usando seu colete salva-vida.

O guia da frente empurrou com agilidade sua canoa para dentro da água e vogou facilmente para o centro do rio, seguido, em ordem, pelas demais canoas ocupadas todas por uma dupla de pai e filho. O dia estava lindo — o ar puro e revigorante; o céu azul entremeado aqui e acolá de nuvens brancas, dava ainda maior realce ao belo cenário. A água corria límpida e leveira pelo leito do rio. Os abetos e pinheiros, além da relva e arbustos, faziam de cada curva um quadro de arte e beleza. Os primeiros dezesseis quilômetros transcorreram tão agradavelmente, que minha ponta de medo e preocupação se desvaneceu.

Olhando à frente, podíamos ver um afluente desembocando no rio principal. No ponto de junção das duas correntes, percebemos sinais de redemoinhos e, por isso, ficamos mais atentos ao nos aproximarmos do lugar. De repente, soou um grito agitado mais à frente: “Vejam o alce!” Querendo ver o alce, voltei-me de chofre e consegui ver de relance o animal com seus largos chifres, no exato momento em que mergulhei de cabeça no rio.

A água estava gelada, as pedras nada macias. Lutei para voltar à tona. Milhares de pensamentos dispararam-me pela mente: “Onde será que está Da-



ve? Como encontrarei de novo nossa canoa? Será que perdi meu remo?"

Nadando em direção à margem, pude ver Dave à minha frente nadando para o mesmo lugar. Perdi meu chapéu e a lâçã de bronzear, além dos óculos escuros que levava no bolso. Mesmo assim, fiquei contente de safar-me daquela água gelada e recuperar a canoa a tempo de alcançar os outros.

Depois disso, poderiam ter gritado mil vezes "Olhe!" sem resultado algum. Nós olhávamos fixamente para a frente. Vencemos com galhardia quilômetros e quilômetros de águas rápidas e turbulentas. Não desviávamos os olhos nem para a direita, nem para a esquerda. Uma das corredeiras, na verdade, era tão perigosa, que uma das canoas emborcou de popa. É que o pai pesava bem mais que o filho e estava sentado atrás. Eles não pretendiam desequilibrar a canoa, mas, mesmo assim, o fizeram e se molharam. A boa intenção não basta!

Diz o Senhor: "Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10.)

Sim, mais uma vez, boa intenção não basta.

Noutra ocasião, quando Josué estava sendo empossado como líder de Israel em lugar de Moisés, o Senhor deu-lhe a chave, dizendo: "Nenhum se suste-

rá diante de ti, todos os dias de tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei...

"Tão somente esforça-te e tem mui bom ânimo, para teres o cuidado de fazer conforme toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies nem para a direita nem para a esquerda, para que prudentemente te conduzas por onde quer que andares." (Josué 1:5,7.)

Josué devia fazer conforme *toda* a lei.

Em outra oportunidade, o sucesso dos jovens soldados de Helamã baseou-se nessa mesma chave.

"Sim, cumpriram com exatidão e rigorosa obediência cada palavra de comando; sim, de acordo com a fé tudo lhes foi dado..." (Alma 57:21.)

Eles "cumpriram com exatidão cada palavra de comando". A chave do sucesso deles estava em obedecer a cada palavra de comando. Sim, quando queremos valer-nos dos poderes dos céus, boa intenção não basta. Temos de obedecer estritamente a cada palavra de comando. Lembrem-se destas palavras do Senhor:

"Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10.)

Na verdade, precisamos obedecer à lei; a mera intenção não basta!

DOCE HARMONIA

Kathleen Lubeck



Aos primeiros acordes, pés começam a sapatear, cabeças balouçam e crianças se põem a bater o ritmo em suas cadeiras. A música enche o auditório e transporta o público para mundos imaginários. O concerto termina cedo demais; a audiência aplaude, assobia, grita pedindo “bis” — e a orquestra toca mais um ou dois números.

Seja tocando marchas, música de discoteca, românticas canções populares ou os calmos acordes de “O Senhor Meu Pastor É” (*Hinos*, nº 78), o Coro e Sinfônica Juvenil Mórmon exerce uma magia toda especial sobre seus ouvintes. Parte dessa magia está na música em si — mas, acima de tudo, no que comunicam através da música. Não se trata de um grupo musical comum, a audiência logo percebe.

“Já ouvi a Orquestra Filarmônica de Nova Iorque e a Sinfônica de Chicago tocarem esta peça, mas nunca antes ela me fez cho-

rar. Pode explicar-me por quê?”, indagou um membro da Conferência de Educadores Musicais que acabara de ouvir A Sinfônica Juvenil Mórmon executar “Os Pinheiros de Roma”, do compositor italiano Ottorino Respighi.

“Os jovens componentes da orquestra não são apenas excelentes músicos, como irradiam bondade,” comentou um não-membro num recente concerto na Califórnia. “Isto me faz imaginar, quem são esses jovens?”

Ora, são estudantes de Direito, Medicina, alunos de segundo grau e outras faculdades, bancários, eletricitas, jardineiros, professores, floristas, gráficos, contabilistas e muitos outros entre 16 e 30 anos de idade. Alguns solteiros, outros casados; todos os 375, excelentes músicos. E o mais importante, querem compartilhar seu testemunho através da música que executam.

“Quando você se junta ao grupo, sabe

que está ali não só por razões musicais,” diz Kevin Call, primeiro violino que, por diversas vezes, tocou solos com a orquestra no Tabernáculo. “A minha motivação é usar a música como instrumento missionário.”

Janice Call, componente do coro, concorda. “Quando nosso desempenho é bom, a gente sente tão fortemente o Espírito! Parece que desenvolvemos nossos talentos por uma boa razão e que fazemos parte do grupo para um propósito — fazer as pessoas achegarem-se mais ao Senhor.”

“É difícil descrever a satisfação que a gente sente quando está cantando,” comen-



ta Kathy Broadbent, cujas três irmãs também participaram do Coro Juvenil Mórmon. “Acho que a única maneira de descrevê-lo é simplesmente que amo meu Pai Celeste e sinto um calor tão gostoso por dentro, sabendo que posso fazer algo por ele e estou usando um talento que ele me deu. Nós tocamos o coração das pessoas com a música e penso que é isto que ele quer que façamos.”

Torna-se difícil aquilatar o impacto exercido pelo grupo. Mensalmente chegam muitas cartas ao escritório do coro e orquestra, indagando o que os torna tão extraordinários e solicitando mais informações a respeito da Igreja. E a impressão que o grupo dei-

xa da Igreja Mórmon só pode ser medida por mudanças de atitude — e conversões.

Certa moça que foi proibida de voltar para casa depois de filiar-se à Igreja conseguiu convencer sua mãe a comparecer a um dos concertos, o que modificou completamente sua atitude para com a Igreja. “Agora já posso voltar para casa,” disse a filha. Um senhor que vinha pesquisando a Igreja há três anos, decidiu filiar-se, depois de ouvir esses jovens se apresentarem em Sacramento, Califórnia. E um outro casal californiano disse que se sentiram tão tocados pelo Espírito nos dois concertos a que compareceram, que decidiram entrar para a Igreja.

A influência do grupo desperta também interesse internacional. Um programa especial de Natal do Coro e Sinfônica Juvenil Mórmon foi o primeiro programa SUD liberado na França, e depois de haver sido transmitido pela televisão, solicitaram mais três programas. Uma parte transmitida pela televisão norueguesa abriu inúmeras portas, antes cerradas, aos missionários na Noruega. O programa especial do Bicentenário transmitido pela televisão norte-americana no dia 4 de julho conseguiu a terceira colocação de audiência em âmbito nacional, induzindo um rico nova-iorquino a oferecer-se para financiar uma excursão do grupo inteiro pela Rússia. E assim continuam as histórias de como o grupo vem tocando as pessoas e ajudando a obra missionária.

“Somente com nosso programa radiofônico semanal atingimos uma possível audiência de cento e quarenta e quatro milhões de pessoas nos Estados Unidos, Canadá e Europa,” declarou Robert Bowden, regente do grupo. “Damos ainda vinte concertos por ano, além de um ou dois programas especiais para a televisão. De fato, acabamos de ganhar um ‘Emmy’* regional por um deles.”

Com uma programação tão apertada e apenas um ensaio semanal, os músicos pre-

* Prêmio para programas de TV, semelhante ao “OSCAR” do cinema. N. do T.



cisam ser realmente dedicados. Esta é uma das razões por que pertencer ao Juvenil Mórmon é um chamado eclesiástico.

“O Juvenil Mórmon não é uma organização social, mas de trabalho,” diz o Irmão Bowden. “Eu explico aos candidatos que se apresentam pretendendo juntar-se a nós por razões sociais, que estão no lugar errado. Nós trabalhamos para a Igreja e para o programa missionário.

“Frequentemente ensaiamos um número numa manhã de sábado para tocá-lo no seguinte. É preciso ser um músico ou cantor exímio para fazer isso, além de saber ler partituras à primeira vista. Maravilha-me o que este grupo consegue fazer. Eles sabem que estão a serviço do Senhor, por isso querem ser tão profissionais quanto conseguem.”

Durante as excursões, os desafios são variados. Geralmente se apresentam pelo menos uma vez por dia, não contando com viagens, filas na hora das refeições e pouquíssimo sono — é realmente uma experiência exaustiva.

“O pior da excursão é o cansaço,” diz

Linda Taylor, um contralto. “Não sobra tempo para descansar. Mas, quando a gente se apresenta, todos os inconvenientes somem. Sempre que cantamos ‘Eu Sei Que Vive Meu Senhor’, (*Hinos*, nº 74), fico toda arrepiada.”

As refeições costumam ser servidas no salão cultural de capelas ou então são oferecidas por famílias anfitriãs, ou então os músicos ficam por conta própria nas cidades que visitam. “Simplesmente não é possível chegar-se repentinamente a um restaurante com sete ônibus cheios de gente,” explica Ray Furgeson, presidente do grupo. “É preciso um bom planejamento muito antes da partida.”

Hospedar-se em casas de família é um dos pontos altos de uma excursão. “Os passeios são divertidos, mas uma das melhores coisas das excursões, para mim, é hospedar-me em casas de famílias SUD,” diz Jim Lamoreaux, um tenor.

“Eles recebem a gente como a um filho, procurando fazer tudo o que podem. Quando partimos, parece que a gente se conheceu a vida inteira.”

Como sempre, durante as excursões, o grupo cria sua magia particular, exatamente como quando se apresentam em casa. Ao final da excursão à Califórnia, no verão passado, os sete motoristas de ônibus (alguns SUD, outros não) dirigiram-se juntos ao grupo. “Gostaríamos de agradecer-lhes o privilégio de viajar com vocês,” disse o porta-voz. “Temos aqui uma rosa para cada moça, apenas como um muito obrigado por serem o grupo que são.” E distribuíram quatorze dúzias de rosas.

“A música tem um poder enorme”, diz o Irmão Bowden. “Quantas vezes, na Igreja, um número musical ou hino não nos traz lágrimas aos olhos? Ela pode ser uma força em favor do Pai Celeste, embora certo tipo de música seja uma força em prol do demônio. É preciso ter cuidado em como se usa a música.

“Estes jovens decidiram como queriam usar seus talentos e captaram o espírito do

que estão fazendo. Eles conseguem tirar muito mais de uma peça musical do que eu jamais esperaria, porque possuem o espírito certo. A gente sente isso pela audiência — silêncio — e percebe-se que as pessoas estão sentindo a música e dizendo: ‘Escutem só!’ É emocionante ter parte nisso.”

Sem dúvida, todos os membros do grupo concordariam. É por isso que alguns deles não se importam com o ano e meio na lista de espera para serem aceitos, ou que todos eles sacrificam as manhãs de sábado para ensaiar, quando poderiam estar esquiando.

“Quando penso na felicidade que tocar na Sinfônica Juvenil Mórmon tem proporcionado a mim e às pessoas que nos ouvem, e em quão abençoado sou de participar dessa sinfônica, minha alma transborda de alegria. Para mim, este caminho é um passo em direção ao céu,” diz Steve Duncan, percussionista. “O sacrifício e longas horas realmente valem a pena.”



Em Amor e Poder e Sem Temor

Presidente Spencer W. Kimball

Minhas amadas irmãs, fico emocionado e grandemente encorajado quando posso ver as lindas e devotadas jovens da Igreja. Tenho uma confiança especial no futuro da Igreja e no de suas futuras famílias quando converso com as milhares de jovens SUD dignas por todo o mundo.

Julgo que o tema desta reunião é especialmente apropriado para vós, adoráveis filhas de Sião: “Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor, e de moderação” (II Timóteo 1:7). Paulo continua em sua palavra de conselho a Timóteo, a qual se aplica a todos os santos dos últimos dias, quando acrescenta: “Portanto não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor” (II Timóteo 1:8).

Os profetas desta dispensação nos ensinam que espíritos especiais estavam reservados para vir à terra nesta última dispensação. Vós estais entre esses espíritos muito especiais!

Minhas queridas irmãs, por favor ficai próximas do Senhor, de vossos pais, dos líderes do sacerdócio, e das líderes das Moças. Porque sois tão preciosas, compreenderéis o motivo de estarmos tão desejosos de ajudar-vos em vosso crescimento e desenvolvimento pessoal, para que alcancéis a meta que tendes a força de vos tornardes, vivendo em amor e poder e sem temor.

Preparai-vos intelectualmente. Sede boas alunas nas escolas e faculdades. Aprendei a ser boas amigas e boas vizinhas, porque isso vos ajudará a serdes melhor esposa e mãe. Antes de vos apaixonardes por um jovem escolhido, apaixonai-vos pelas escrituras, porque elas vos ajudarão na preparação espiritual para o futuro. Sereis melhores amigas e vizinhas, melhores esposas e mães, se desenvolverdes os atributos do evangelho de amor, pureza e humildade e técnicas do evangelho tais como comunicar, escutar, e delegar. O programa das Moças é parte do esforço da Igreja para ajudar-vos a desenvolver tudo isso e tornar-vos mulheres especiais.

Não sereis sempre jovens, mas sempre sereis mulheres. Tornai-vos mulheres especiais, porque sereis realmente muito necessárias. Não há muitas como vós no mundo.

Por favor sabeis, queridas irmãs, que os líderes da Igreja vos amam.

E mais importante, sabeis que o Senhor vos ama. Nosso Pai Celestial vos colocou na terra nesta época especial com um propósito especial. Oro que ele vos abençoe agora e sempre, em nome de Jesus Cristo, amém.

(Discurso proferido na Conferência Geral das Moças realizada no Tabernáculo de Lago Salgado, em 28 de março de 1981).

